



LIMITES EM SALA DE AULA

Podemos resumir nosso momento como uma transição entre a disciplina do medo e o medo da disciplina. Talvez seja porque já sabemos das consequências desses dois extremos

Estamos vivendo tempos de crise. Não estamos falando especificamente de crise financeira ou de crise política. Estamos falando, principalmente, de crise de verdades e de valores. O que sempre foi considerado certo, de repente nos deixa em dúvida. Atitudes que sempre foram recomendadas para certas situações com nossos filhos e alunos, hoje nos deixam inseguros, pois não estamos convictos de seus efeitos. Somos uma geração de educadores marcada pela dúvida e pela culpa. Dúvida sobre o que fazer e culpa por colocar limites.

Diante desse quadro ficamos sem saber quais são nossos limites enquanto professores. Até que ponto podemos e devemos agir. É claro que não existem fórmulas prontas, mas é possível apontar alguns referenciais que devem nos orientar para que não nos percamos nesse mar de dúvidas. Incentivar a autossuperação é o primeiro deles. Para que isso seja possível, precisamos substituir a censura frequente

pelo apoio e criar um clima para uma conversa aberta que favoreça o autoconhecimento e a superação das dificuldades através da potencialização das forças e do controle das fragilidades.

Nesse contexto, explorar as situações de autodesafio ajudando-os a controlar os impulsos e fortalecer a persistência é fundamental. Outro referencial importante que deve nortear as ações dos professores é a necessidade de que as crianças aprendam a adiar o prazer num mundo que convida o tempo todo à satisfação desenfreada do desejo. Nessa seara, o professor precisa estar atento a todas as situações em que o prazer possa ser adiado e implementar regras que ajudem às crianças a descobrirem que o adiamento do prazer é possível.

O terceiro referencial diz respeito ao desenvolvimento de habilidades essenciais à sobrevivência num futuro quase presente. Dentre essas habilidades, destacam-se a seletividade, a flexibilidade, a coletividade, a serenidade e a

resiliência. As atividades cotidianas devem ser permeadas por acordos e regras que facilitem o desenvolvimento das habilidades citadas. Levar a criança a fazer escolhas, a analisar outros pontos de vista, a reconhecer o que é bom para todos e não somente para ela, a resolver conflitos com tranquilidade e a aprender a partir de situações difíceis são ações que precisam fundamentar algumas regras.

“Os professores mais eficientes são, em geral, aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que têm confiança nos alunos. Os mais eficientes são também os professores que veem os alunos como eles são e não como eles deveriam ser”.

(François Dubet)

O quarto referencial diz respeito à educação da vontade. Está mais do que provado que o que nos move não é a inteligência, mas sim a vontade. Uma pessoa muito inteligente, mas fraca na administração de sua vontade não sai do lugar. Por outro lado, alguém de inteligência média, mas com alto potencial de domínio de sua própria vontade, atinge seus objetivos com relativa facilidade. A colocação de limites na sala de aula precisa ter esses quatro referenciais como princípios.

Vivemos hoje em uma sociedade com baixíssimo índice de maturidade emocional e com elevado índice de carência

afetiva. Com certeza isso já é resultante de uma educação em tempos de crise. Com uma sociedade assim, passa a ser frequente o pavor de não ser amado e surge a dificuldade de se olhar a criança com olhos de educador, ou seja, com os olhos de quem já superou todos os conflitos típicos dessas fases do desenvolvimento humano.

Aliado a tudo isso, a crise de valores que assola nosso mundo em transição nos impede de ter certeza quanto à atitude certa a tomar. Somos reféns da dúvida, da culpa e do sofrimento que ambas acarretam. Nossos filhos e alunos já perceberam isso e armam-se de “certezas circunstanciais” para atingir a nossa já frágil convicção de educar. “Você está sendo injusto!”; “Mas você dorme tarde sempre que quer!”; “Professora, você é a única que não deixa!”. Lançam ataques cruéis para a nossa geração de adultos portadores de uma consciência confusa e culpada que, muitas vezes nos aniquilam e nos impedem de dizer com carinho, tranquilidade e firmeza um sonoro e necessário “NÃO”. E, na maioria das vezes, é isso que nossas crianças necessitam e, bem lá no fundo, até desejam.

“Um ‘não’ é necessário na hora certa, e mais que isso: é saudável e prepara bem mais para a realidade da vida (que não é sempre gentil, mas dá muita porrada) do que a negligência de uma educação liberal demais, que é deseducação.” **Lya Luft**



Reforço positivo

Quando a criança agir dentro das regras, elogie-a: “muito bem”, “parabéns”, “bom trabalho”. Elogie sempre que fizerem algo corretamente. Cuidado, porém, para não exagerar! Prefira elogios coletivos, como “Muito bem! Todos guardaram o brinquedo no final da recreação! Vocês estão de parabéns!”;

Seja objetivo

Fale sempre olhando nos olhos da criança sempre que for reforçar as regras. Não fale muito nem seja mole demais – aja proporcional à gravidade do ocorrido, dessa forma, você facilita o entendimento e a compreensão das regras;

Use jogos

Jogos de regras claras são ótimos simuladores de limites. Desenvolvem a atenção da criança e permitem que observemos o nível de dificuldade para seguir regras.

Permite também que a criança desenvolva recursos para lidar com a frustração de não poder fazer o que quer. Além disso, os jogos proporcionam experiências valiosas sobre ganhar, empatar e perder.

